

Juntos na Igreja para um Mês Missionário “Extraordinário”

Queridas irmãs,

o mês de outubro, tradicionalmente dedicado à missão *ad gentes*, neste ano é celebrado em toda a Igreja com uma conotação especial, lembrando o centésimo aniversário da Carta Apostólica *Maximum illud* de Bento XV (30 de novembro de 1919).

A decisão do Papa Francisco de proclamar este Mês Missionário “*Extraordinário*” com o tema: *Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo* suscitou em mim, e creio será assim também para todos vocês, alegria renovada e forte ardor apostólico. É uma oportunidade para maior consciência de que a razão de ser da Igreja é o anúncio do Evangelho de Jesus a todas as gentes, indistintamente, e para nós um chamado a consolidar em nossas realidades o impulso missionário, dimensão essencial do carisma do Instituto desde suas origens (cf C 1 e 6).

Como não nos sentirmos tocadas profundamente por este apelo fundamental e empenhativo que envolve a Igreja e nela a Família Salesiana? Percebemos a necessidade de um novo entusiasmo que abra o coração e a mente para uma verdadeira conversão missionária. O Instituto nasceu missionário e o carisma salesiano foi suscitado pelo Espírito Santo para difundir-se e, portanto, destinado a se expandir até as extremidades do mundo, superando barreiras de culturas, línguas, nacionalidades e confissões religiosas. Viver

intensamente este mês de outubro é, pois, para todas um tempo favorável para redescobrir a *missão* da Igreja, motivar outra vez o nosso ser *comunidades missionárias* que, juntamente com as jovens e os jovens, são “Igreja em saída” como solicita o Papa Francisco. Eu também sonho um Instituto de FMA com alma missionária onde floresçam novas vocações porque vibra de amor, de alegria pelo anúncio de Jesus, de paixão pelo da *mihi animas cetera tolle*. Para que seja realmente assim, convido vocês a viverem este tempo especial com Maria: ela a missionária da alegria e da esperança fica feliz de acompanhar-nos, de caminhar conosco.

A Igreja chamada a uma *missão* com rosto universal

O Papa Francisco pediu à Igreja universal para viver o Mês Missionário de uma maneira “Extraordinária”, para comemorar o centenário da Carta Apostólica *Maximum illud* que o próprio Pontífice considera um documento profético e clarividente em sua proposta. Por isso, ele enfatiza: “Ele me confirmou quanto é importante ainda hoje renovar o compromisso missionário da Igreja, requalificar o sentido evangélico da sua missão de anunciar e levar ao mundo a salvação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado” (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2019*).

Será um tempo realmente “extraordinário” porque é uma oportunidade para reencontrar o sentido missionário da nossa adesão a Jesus na fé que gratuitamente recebemos como dom no Batismo. A consciência de possuir este dom nos põe em plena comunhão com a Trindade, que nunca é, destaca o Papa, uma experiência individual, mas eclesial e nos faz sentir em profunda comunhão com os irmãos e irmãs do mundo inteiro, sem excluir ninguém.

Eis o sentido da missão: a vida divina que foi doada não é um “produto de venda”, seria proselitismo, mas uma riqueza a ser doada, por nossa vez, a ser comunicada com o testemunho da vida a ser anunciada com alegria a todos, porque Deus quer que todos sejam

salvos, possam chegar ao conhecimento da verdade e fazer experiência da sua misericórdia (cf *Lumen gentium*, nº 48, citada pelo Papa Francisco na Mensagem).

Uma Igreja missionária “em saída” é capaz de chegar lá onde só o amor por Cristo a torne audaz e corajosa no anúncio. Uma Igreja formada por discípulos missionários que tomam as iniciativas, envolvem-se, são empreendedores em procurar o modo melhor através do qual a Palavra possa se encarnar nas situações concretas e produza frutos de vida nova, até a disponibilidade para o martírio como testemunho supremo de Jesus Cristo. Uma Igreja missionária é a Igreja que sabe dar o “primeiro passo”, sabe tomar a iniciativa sem medo, capaz também de “festejar” cada pequena vitória, cada passo para a frente na evangelização (cf *EG*, nº24).

Para que esta ação evangelizadora chegue até os confins mais distantes é preciso – como insiste o Papa Francisco em diversas ocasiões – uma conversão missionária constante e permanente. Na verdade, para evangelizar é necessário deixar-se evangelizar. É um “caminho” de compromisso certamente, mas transitável e possível, testemunhado por irmãos e irmãs na fé, impulsionados pelo fogo do amor que por sua natureza é movimento, abertura para o outro, que não mede sacrifícios e cansaços e leva a tecer relacionamentos geradores de esperança.

A vida autêntica que nos foi conferida no Batismo nos insere na Igreja para todos os efeitos. E é neste sacramento que experimentamos, como filhos e filhas, a paternidade originária e a verdadeira maternidade: “Não pode ter Deus como Pai quem não tem a Igreja como mãe”.

A Igreja é uma mãe de coração escancarado que entende chegar a todos, sem exceção e, se é para privilegiar alguém, escolhe sem dúvida nenhuma os pobres, aqueles que são esquecidos, aqueles que não têm como retribuir (*Lc* 14,14, cf *EG*, nº 48).

A celebração da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Panamazônica, que acontecerá em Roma no próximo mês de outubro, é evento providencial, afirma Papa Francisco, que «me leva a enfatizar como a missão confiada a nós por Jesus, com o dom do seu Espírito, seja atual e necessária ainda, também para aquelas terras e para seus habitantes. Um renovado Pentecostes escancara as portas da Igreja para que nenhuma cultura permaneça fechada em si mesma e nenhum povo esteja isolado, mas aberto à comunhão universal da fé» (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2019*).

Com esta reflexão aberta a grandes horizontes, o Papa lembra a toda a Igreja a sua identidade profunda, a sua vocação missionária: «Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade» (*Mc 16,15*).

Comunidades fervorosas de espírito missionário

No dia 5 de agosto deste ano, em Mornese, com grande emoção, abri os três anos de preparação para a celebração do 150º aniversário da fundação de nosso Instituto. O eco que se seguiu foi maravilhoso: Filhas de Maria Auxiliadora, jovens e leigos se envolveram em um movimento vibrante daquele ardor missionário que nos pertence pelo carisma. Sim, somos todas missionárias e chamadas a inflamar as jovens e os jovens a se tornarem missionários também eles, onde quer que estejamos, seja qual for a idade, serviço e competência que tenhamos. Há quem dá o presente de seu sofrimento com um "coração missionário" e outros que, por iniciativa apostólica, gozam de boa saúde e estão ativamente presentes na missão.

No dia 5 de agosto, em terra mornesina, percebi quase sensivelmente presente Me. Mazzarello que, com nossas primeiras irmãs, olha apaixonada o mapamundi, desejosa de ir para terras distantes, para anunciar o Evangelho, para tornar conhecido Jesus como único objetivo daquele “sair” de Mornese, não sem uma nostalgia compreensível.

Agora vejo, como em um espelho, nossa realidade atual e não posso senão agradecer ao Senhor, juntamente com todas vocês, pela fidelidade e a coragem de numerosas irmãs que mantêm e alimentam o impulso missionário das origens (cf C 1). Que vivem de modo “extraordinário” a vocação missionária, com naturalidade, paixão, criatividade e capacidade de se inculturar em realidades desconhecidas e já amadas, felizes de colaborar para a extensão do Reino de Deus. Filhas de Maria Auxiliadora passadas e presentes, e são tantas, que, quase sem saber, realizaram e realizam uma verdade maravilhosa: «*Eu sou uma missão* nesta terra e por isso me encontro neste mundo! É preciso considerarmo-nos como que marcadas a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar» (EG, nº 273).

A Igreja brilha pelos numerosos testemunhos que a tornam santa e sempre mais missionária. Assim é para nossa Família Religiosa. Entre tantas heroicas missionárias, penso em Ir. Maria Troncatti, da qual celebramos há pouco o 50º do *dies natalis*, e que foi escolhida entre as testemunhas do próximo Sínodo Panamazônico com o tema: *Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*.

Na mensagem enviada para esta circunstância à Inspeção do Equador, interpretando todo o Instituto, agradei e louvei o Senhor por ter feito à Igreja, ao Instituto e ao povo Shuar o dom desta grande figura de missionária. Ela, uma mulher de fronteira, *a missionária itinerante*, que chegou às inexploradas periferias amazônicas e, com paciência e audácia evangélicas, abraçou as exigências da inculturação com a sensibilidade e a intuição dos santos. Seus dias eram uma contínua “saída missionária” para estar perto das alegrias e sofrimentos dos povos indígenas, de suas tradições e de sua cultura aberta aos valores do Evangelho.

Penso, queridas irmãs, que é tudo uma questão de amor e quem ama sabe compreender, adaptar-se, sabe caminhar rápido para fazer-se

próximo. Este princípio toca de perto todas nós, onde quer que estejamos, a viver nossa “missionariedade”.

O que nos faz missionárias, sabemos bem, não é o lugar, mas o *mandato* que nos é dirigido como gesto de confiança, de Deus antes de tudo, da Igreja e do Instituto. É o mandato missionário que assinalou o CG XXIII e que Papa Francisco fez ressoar no coração das Capitulares presentes à audiência: “*Missionárias da alegria e da esperança*”, isto é, educadoras, discípulas missionárias que renovam «a paixão e o empenho pela missão educativa evangelizadora, em qualquer situação, em qualquer obra, também inédita, na qual se exprime o carisma salesiano» (*Atos CG XXIII*, nº 50).

A missão, portanto, é uma ação que não só vai “além” dos próprios limites, mas está presente onde quer que esteja a Igreja e quer chegar onde a Igreja ainda não está presente! É lá onde as novas gerações esperam palavras de vida, de paz, de amor verdadeiro. Terra de missão é lá onde Jesus é ignorado, esquecido, desconhecido; onde domina a discriminação e os direitos humanos são violados; onde o espírito das bem aventuranças não é vivido e não promove a solidariedade e a inclusão.

Com meu conhecimento do Instituto posso afirmar que somos missionárias no mundo todo! São numerosas as irmãs que encontrei nestes anos e que são efetivamente “missionárias”, ainda que não tenham se afastado de sua terra de origem e que, com simplicidade, “falam” de Deus com a vida, doando gestos de humanidade, misericórdia e perdão dos quais todas percebemos a necessidade. Irmãs que compartilham o próprio caminho de fé, na alegria de se sentirem habitadas por Cristo Ressuscitado, que doam felicidade e entusiasmo mesmo nos cansaços e sofrimentos diários. Uma felicidade feita de ações diárias, vividas “na ponta dos pés”, mas que têm o poder de manter despertos os sonhos de cada pessoa e, especialmente, dos jovens. Irmãs que olham a realidade complexa de hoje com o mesmo olhar de Deus. Irmãs que vivem o diálogo

interreligioso na vida cotidiana. Não são, talvez, estas hoje as missionárias geradoras de vida?

Temos, porém, a consciência de que a missão nunca está acabada, ainda tem caminho a ser feito e então nos perguntamos: Quais propostas apresentamos aos jovens e às jovens para que façam experiências missionárias em meio aos mais pobres, despertando neles a paixão de comunicar o amor de Deus?

Convido vocês, neste Mês Missionário Extraordinário, a reservarem momentos de reflexão pessoal e comunitária sobre nosso ser parte viva de uma Igreja toda missionária, sobre a dimensão missionária do nosso Instituto, elemento essencial de sua identidade e expressão de sua universalidade (cf C 75). Queremos viver este tempo com um espírito de *missionariedade profética*, com aquele fogo que já está presente em nosso coração, mas que talvez, por motivos vários, pode ter-se apagado ou enfraquecido. Como libertar-nos daquilo que nos impede de sermos audazes e criativas para abrir caminhos novos hoje?

A nossa é uma “comunidade mundial” (cf C 115) presente em muitos países do mundo e nos cinco Continentes. Constatamos, porém, com sofrimento, que ainda há lugares onde a presença da Igreja é fraca, motivo pelo qual crianças, jovens, famílias não são atingidos pelo anúncio do Evangelho e por uma educação integral adequada, por falta de pessoas disponíveis a serem missionárias *ad gentes*. Diante desta realidade, suplico continuamente ao Senhor que envie muitas vocações ao Instituto e na Igreja!

Faço, com grande confiança e humildade, o relançamento do apelo às irmãs que sentem o chamado missionário em seu coração, que façam um cuidadoso discernimento à luz do Espírito Santo e assim possam dizer seu sim com generosidade e em plena gratuidade.

Podem surgir objeções, dificuldades compreensíveis no interior das Inspetorias. Papa Francisco nos lembra que «a vida se fortalece doando-a e se enfraquece no isolamento e no comodismo [...] A vida

se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros» (EG n° 10).

De minha parte agradeço a cada uma de vocês por sua adesão a Jesus, missionário do Pai, e pela fidelidade com que cada dia vive a vocação de Filha de Maria Auxiliadora aonde está. Desejo expressar um agradecimento especial a cada irmã que sustenta o Instituto e sua missão com a oração e com o compromisso efetivo e solidário, às vezes escondido, mas eficaz. É tão bom pensar que para quem vai e para quem fica a missão é única: anunciar a salvação trazida por Jesus a todas as pessoas. Não sozinhas, porém, mas em plena sinergia com jovens, leigas e leigos prontos a acolher o mandato: “A você as confio”.

Um mandato missionário: “A você as confio”

O fio condutor que acompanha a reflexão nesta circular é o mandato: “A você as confio”, que considero essencialmente missionário. Realmente, de Borgo Alto de Mornese ele, de modo surpreendente e, ousou dizer, quase como um “milagre carismático”, expandiu-se com a força do Espírito Santo e desembarcou nos ângulos mais perdidos da terra, envolvendo jovens e adultos em um *caminhoconjunto*, vivido no estilo de Valdocco e de Mornese, transformando realidades áridas em comunidades geradoras de vida, fecundas e atraentes.

A circular em preparação ao CG XXIV pode ser ponto de referência para compreender posteriormente a atualidade deste mandato. Nós nos sentiremos impulsionadas com coragem a acolher as novas exigências do “mandato missionário”, reforçando a colaboração e a comunhão, especialmente com os grupos da Família Salesiana e as comunidades educativas.

Colocar a missão no coração das nossas comunidades educativas é o critério para descobrir a eficácia apostólica das comunidades, a fecundidade vocacional dos nossos ambientes e a alegria que somos capazes de suscitar ao nosso redor. É o segredo do nosso caminho de

conversão e de santidade e, ao mesmo tempo, a sua expressão mais luminosa.

São muitas as pessoas encontradas e dispostas a compartilhar conosco cansaços e esperanças, para que os jovens possam conhecer e encontrar Jesus e ser, por sua vez, missionários de outros jovens.

Compreendo que não é sempre fácil esta “missão compartilhada”. Podem surgir, às vezes, dificuldades reais, mas a experiência nos confirma que o bem a ser semeado é muito mais forte do que os cansaços e as eventuais frustrações. Estas podem ser superadas se prevalecer a consciência de que recebemos a mesma vocação a ser realizada: somos batizados e por isso enviados a anunciar e a testemunhar com a vida a fecundidade da Palavra de Deus, para que a ninguém falte a certeza de ser filho amado do Pai e, portanto, digno de respeito em sua dignidade pessoal e na vocação que lhe foi confiada para a construção de um mundo mais humano e aberto ao Evangelho.

Papa Francisco nos lembra que «quem ama se põe em movimento, é impulsionado para fora de si mesmo, é atraído e atrai, doa-se ao outro e tece relacionamentos que geram vida. Ninguém é inútil e insignificante para o amor de Deus. Cada um de nós é uma missão no mundo porque é fruto do amor de Deus» (Mensagem para o *Dia Mundial das Missões 2019*). Para nós, o “lugar teológico” da missão são os jovens para os quais o Senhor nos manda, para que em muitos deles se reacenda a esperança e horizontes novos abram perspectivas de um futuro melhor, onde os jovens mesmos se sintam plenamente envolvidos.

Em muitas ocasiões, o Santo Padre se dirigiu a eles com mensagens de grande profundidade missionária e com um claro apelo vocacional. No meu coração, no coração das irmãs e das comunidades educativas, a confiança nos jovens e no seu entusiasmo missionário vibra vigorosamente, assim como surge no pensamento e nas ações concretas do Papa Francisco? Não é uma utopia, a sua, mas um grande sonho à espera de ser realizado e que pode resultar para

todo jovem na busca e adesão à própria vocação na Igreja e na sociedade.

A vida é missão e viver com alegria a própria responsabilidade pelo mundo é um grande desafio. A missão confiada aos jovens é anunciar Jesus Cristo para que o levem a outros jovens. É uma confiança recíproca: *a cada jovem são confiados outros jovens!* Não é talvez a dinâmica educativa e evangelizadora vivida em Valdocco e em Mornese e que deve caracterizar também nossas realidades hoje? Deixo a vocês refletir sobre esta questão na certeza de que em todas há o compromisso de manter viva a força e a beleza do *da mihi animas cetera tolle*, alma da missão.

Tudo acontece por “contágio” e ao amor não é possível colocar limites. É uma irradiação que gera encontro, testemunho, anúncio. Ao mesmo tempo, gera a partilha no amor com todos os que estão distantes da fé, ou são indiferentes, contrários, céticos. Os discípulos missionários são chamados a ir às extremas periferias existenciais e não somente às geográficas. A periferia mais necessitada de Cristo é a indiferença em relação à fé e à sacralidade da vida. Frente a este desafio, uma pergunta é lançada aos jovens: «O que faria Cristo no meu lugar?»

É uma pergunta explicitamente missionário-vocacional que, com coragem e coerência, nós também podemos ousar para oferecer a tantos jovens, especialmente aos mais sensíveis, o mandato: “A você os confio”. Hoje também é possível acreditar que há jovens dispostos a serem, por vocação, “missionários de outros jovens” e nós com eles, porque o mandato não é “particular”, mas comunitário, seguindo o estilo de Jesus, atual em todo tempo.

Concluo desejando que vivamos o Mês Missionário “Extraordinário” *juntos*: jovens, comunidades educativas, pessoas disponíveis a doar algo de si pra o crescimento humano, cristão e cultural de tanta população sedenta de Verdade.

Desejo agradecer à Ir. Aláide Deretti, Conselheira para as missões, e a suas colaboradoras, por nos terem oferecido, além das cartas mensais,

um Guia enviado às comunidades para ajudá-las a aprofundar a Carta Apostólica *Maximum illud* em seus elementos chave.

Convido vocês a participarem calorosa e ativamente das iniciativas organizadas pelas Igrejas locais.

Queridas irmãs, uno-me com grande confiança a todas vocês neste percurso “missionário”, com passos corajosos, humildes, às vezes cansados, segura da presença de Maria que sempre nos acompanha a sermos “missionárias de esperança e de alegria” como foi ela.

Tenho certeza de que todas, conforme as próprias possibilidades, querem manter aceso o fogo do *da mihi animas cetera tolle*, que leva a arriscar a vida, a ser audaz, a não ter medo de mudanças, a ser abertas aos novos desafios da contemporaneidade (cf *Mensagem para os 150 anos de fundação do Instituto*).

Deus e Maria, a primeira missionária, abençoem vocês.

Roma, 24 de setembro de 2019

A Madre,
Ir. Yvonne Reungoat

